

Edição v. 37  
número 3 / 2018

Contracampo e-ISSN 2238-2577  
Niterói (RJ), 37 (3)  
dez/2018-mar/2019

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

## Outros tempos possíveis: disputas de valores e convenções do jornalismo em Tempos Fantásticos

## Other possible times: disputes about values and conventions of journalism in Tempos Fantásticos

### ITANIA MARIA MOTA GOMES

Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia e bolsista produtividade em Pesquisa do CNPq desde 2005. Membro permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia, integrante do Centro de Pesquisa em Estudos Culturais e Transformações na Comunicação, Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: itaniagomes@gmail.com. ORCID: 0000-0001-8876-7318.

### NUNO MANNA

Doutor em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais, membro permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia, integrante do Centro de Pesquisa em Estudos Culturais e Transformações na Comunicação, Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: nunomanna@gmail.com. ORCID:

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

GOMES, Itania Maria Mota; MANNA, Nuno. Outros tempos possíveis: disputas de valores e convenções do jornalismo em Tempos Fantásticos. Contracampo, Niterói, v. 37, n. 03, pp. 169-190, dez. 2018/ mar. 2019.

Enviado em 29 de março de 2018 / Aceito em 19 de dezembro de 2018.

DOI – <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v37i3.19457>

## Resumo<sup>1</sup>

Este artigo analisa como o *Tempos Fantásticos*, um jornal satírico publicado no Brasil desde 2016, aciona matrizes do fantástico para disputar valores e convenções do cânone jornalístico. Tomando como quadros conceituais e metodológicos as obras de Raymond Williams e Jesús Martín-Barbero e seus esforços para a consideração das historicidades em qualquer análise da cultura, evidenciamos como a experimentação em torno do "jornalismo fictício" de *Tempos Fantásticos* significa disputar o imperativo ético que legitima o jornalismo como instituição social e um de seus valores centrais, a atualidade. Esse movimento evidencia disputas políticas e culturais no tratamento de valores e convenções do jornalismo, do tempo e da realidade.

### Palavras-chave

*Tempos Fantásticos*; jornalismo; fantástico, historicidades, convenções.

## Abstract

This article analyzes how *Tempos Fantásticos*, a satirical newspaper published in Brazil since 2016, summons matrices of the fantastic to dispute values and conventions of the journalistic canon. Taking as conceptual and methodological frameworks the works of Raymond Williams and Jesús Martín-Barbero and their efforts to consider historicities in any analysis of culture, we show how the experimentation around "fictional journalism" of *Tempos Fantásticos* means to dispute the ethical imperative that legitimizes journalism as a social institution and one of its central values, currency. This movement evidences political and cultural disputes in the treatment of values and conventions of journalism, time and reality.

### Keywords

*Tempos Fantásticos*; journalism; fantastic, historicities, conventions.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no seminário Historicidades dos Processos Comunicacionais - VI Encontro de Grupos de Pesquisa Nacionais, realizado no Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira - BA, nos dias 27, 28 e 29 de setembro de 2017.

## 1 Introdução

*As notícias diárias te preocupam? O cenário internacional não é dos melhores? A cobertura jornalística é insuficiente? Não se preocupe. Com apenas um clique (e um pequeno sacrifício financeiro) você pode adquirir o Tempos Fantásticos, um jornal do futuro, passado, presentes alternativos. Jornalistas espalhados pelas quatro dimensões do multiverso trazem notícias inéditas para o leitor curioso. Reportagens do futuro espacial, do tempo das cavernas ou até mesmo de hoje em dia, em uma realidade paralela. Conheça o jornalismo feroz, pontual e fictício em [temposfantasticos.com](http://temposfantasticos.com). Assine a newsletter para mais informações (TEMPOS..., 16 mai. 2016).*

O *Tempos Fantásticos* é um jornal satírico de periodicidade mensal publicado no Brasil desde junho de 2016. Em geral, o periódico é produzido em formato A3, em preto e branco, e cada edição possui apenas uma folha em frente-e-verso. Suas versões impressa (em sulfite) e digital (em formato pdf) são vendidas online ([www.temposfantasticos.com](http://www.temposfantasticos.com)). Seu editor é Angelo Dias, jovem paulista que, em seu site pessoal<sup>2</sup>, se apresenta como designer e escritor. Dias é bacharel em jornalismo e trabalha como designer no jornal *Folha de S. Paulo*. Foi ele quem criou o *Tempos Fantásticos*, realizando, a princípio, todo o trabalho de redação, diagramação, ilustração, divulgação e distribuição do jornal. Com o passar das edições, uma comunidade de colaboradores de formações diversas organizou-se em torno do projeto, assumindo funções variadas<sup>3</sup>. E mesmo que uma equipe de autores se dedique à redação hoje, o convite à colaboração é sempre marcado nas edições do jornal.

Neste artigo, analisamos como o *Tempos Fantásticos* aciona matrizes do fantástico para disputar valores e convenções do cânone jornalístico, a partir de perspectivas conceituais e metodológicas de Raymond Williams e de Jesús Martín-Barbero e seus esforços para a consideração das historicidades em qualquer análise da cultura. Convocamos para análise as primeiras edições do jornal – seus textos, ilustrações, projeto visual e gráfico –, bem como suas estratégias promocionais, vídeos de divulgação e declarações do seu criador e editor. Consideramos que tanto o produto quanto seus materiais complementares – estes, particularmente dedicados a evidenciar suas premissas e estratégias – são lugares que deixam ver importantes disputas políticas e culturais no tratamento de valores do jornalismo,

---

<sup>2</sup> [www.angelodias.com.br](http://www.angelodias.com.br)

<sup>3</sup> Em março de 2018, o Expediente informa, além de Angelo Dias, Jana Bianchi, Diretora de Projetos, Comunicação e Mirabolâncias, João P. Lima, Diretor de Edição, Revisão e Criações Maravilhosas, Ludimila Honorato, Diretora de Revisão, Correção e Ajustes de Conduta, e Raphael Andrade, Diretor de Ilustração, Traçados e Experimentos Estéticos, <http://www.temposfantasticos.com/>. Acesso em 06 de março de 2018, no “Quem Somos?”, no final da página.

do tempo e da realidade. Nosso objetivo é evidenciar que a experimentação em torno do “jornalismo fictício” de *Tempos Fantásticos* disputa o imperativo ético que legitima o jornalismo como instituição social e um de seus valores centrais, a atualidade. Adotamos o fantástico como uma categoria hermenêutica potencialmente transgressora, em que os limites de convenções temporais e históricas são confrontados com a possibilidade e a multiplicidade de tempos outros<sup>4</sup>.

*Tempos Fantásticos* se apresenta como um Jornal Atemporal, promete nos “trazer notícias de coisas que não existem” e assume “um compromisso com a mentira, com a ficção, com a invenção, com a ideia” (TEMPOS..., 31 out., 2016). Suas premissas e promessas nos oferecem uma oportunidade de investigar articulações entre jornalismo, valores e convenções como uma chave de entrada para problematizarmos processos de historicidades. Move-nos o reconhecimento de Raymond Williams de que existem elementos de diferentes temporalidades e origens que configuram qualquer processo sociocultural (WILLIAMS, 1979) e sua aposta de que, se uma convenção expressa um modo de sentir, mudanças nas convenções indicam, então, mudanças na estrutura de sentimento de uma dada sociedade. Move-nos, também, em articulação com Jesus Martín-Barbero, a compreensão de que o *Tempos Fantásticos* aciona pelo menos duas importantes matrizes culturais – uma matriz jornalística, fundada em uma concepção moderna do jornalismo entendido como mediador do tempo histórico e uma matriz do fantástico, categoria cultural que mobiliza um repertório ficcional de narrativas marcadas por elementos insólitos.

Nossa estratégia metodológica será, então, articular a análise das disputas de convenções do jornalismo à consideração de como valores constituídos no campo do jornalismo são disputados pelo *Tempos Fantásticos* enquanto um formato industrial e constituem assim suas “matrizes”, nos termos de Jesús Martín-Barbero. O jornal realiza um movimento de disputa das convenções que conformam valores e matrizes por processos de reiteração, de reenquadramento, de recusas e incorporações irônicas. No nosso percurso, discutimos como a aposta em um “jornalismo fictício” significa disputar o imperativo ético que legitima o jornalismo como instituição social e um de seus valores centrais, a atualidade; avaliamos os jogos com os tempos e o fantástico como categoria transgressora. As experimentações com formas culturais e convenções do jornalismo e do fantástico, realizadas pelo jornal, mostraram-se como um lugar analiticamente relevante para

---

<sup>4</sup> Diferentemente dos estudos que enfatizam relações entre jornalismo e entretenimento, a partir de seus devidos propósitos, nosso estudo se concentra na especificidade do conceito de fantástico como forma de tensionar matrizes culturais e temporalidades do jornalismo, problemática a que o trabalho se dedica.

observação dos vínculos entre mudança cultural e mudança social. O artigo se oferece como uma contribuição para a compreensão das historicidades do jornalismo.

## 2 Das estratégias teórico-metodológicas: convenções, matrizes e as distintas temporalidades na análise da cultura

A consideração dos elementos arcaico, residual, dominante, novo e emergente é recorrente nas obras de Williams, e diz de um modo de analisar o processo de incorporação, tão fundamental para compreendermos como valores do hegemônico são ativamente vividos e configuram práticas e expectativas de sujeitos sociais em situações sociais concretas e, assim, constroem uma cultura como cultura hegemônica. A análise da cultura, em Williams, deve assim colocar em evidência como valores configuram práticas e expectativas de vida – valores não são, nunca, meras abstrações, não podem ser entendidos apenas como imposição ideológica – e esse é exatamente o processo que configura uma cultura como cultura dominante. Ao mesmo tempo, e fundamentalmente, se tomarmos em consideração o conceito gramsciano de hegemonia, existem valores, sentidos, atitudes e opiniões alternativas e oposicionais. É essa relação entre valores e sentidos dominantes e valores e sentidos alternativos e oposicionais que pode nos ajudar a compreender o processo contínuo de renovação, recriação, tensionamento, conflito, resistência que caracteriza a hegemonia e que nos possibilita pensar que uma hegemonia pode ser disputada. A cultura tem esses dois aspectos ou duas faces, uma que se refere ao conjunto de valores, normas, prescrições, projeções em que os membros de uma sociedade são educados, e, ao mesmo tempo, novos sentidos que surgem e são testados: esse é o processo comum que articula sociedades e indivíduos, a cultura é sempre, ao mesmo tempo, tradição e criatividade; é sempre exterioridade e interioridade (WILLIAMS, 1989).

Nesse sentido, Williams afirma que o analista precisa considerar diversas temporalidades sociais em qualquer análise da cultura e estar atento a certo senso de movimento, de processo histórico, de articulações complexas entre esses elementos dominantes, hegemônicos, e os arcaicos, residuais, novos e emergentes. Observar a multiplicidade de temporalidades vividas em cada momento histórico (passado-passado, passado-presente, presente-presente, presente-futuro, futuro-futuro) evidencia a preocupação de Williams com o processo ativo de produção de sentido na cultura e com seu esforço, ao mesmo tempo teórico e político, de valorizar a mudança cultural (GOMES, 2011).

Williams (2001, p. 33) entende a convenção, “aqueles meios de expressão que têm consenso tácito” como uma parte vital da estrutura de sentimento: “enquanto a estrutura muda, novos meios [de expressão] são percebidos e compreendidos, enquanto velhos meios começam a parecer vazios e artificiais” (WILLIAMS, 2001, p. 33), numa articulação estreita entre a mudança social e a mudança cultural.

Entendemos que as indicações de Raymond Williams conformam uma análise das convenções como um movimento duplo: 1) Ao identificarmos as convenções, o “já reconhecido” socialmente, olharmos as disputas em torno delas – como essas convenções são objeto de reiteração, renomeação, reenquadramentos, recusas explícitas, subversões implícitas; 2) Ao identificarmos eventuais “novas” convenções, observarmos como elas disputam o consenso e como são lugares em que se desenvolvem processos de persistência, ajustamento, assimilação inconsciente, resistência ativa, esforço alternativo que caracterizam qualquer processo de disputa por reconhecimento no campo cultural.

Articulamos esses movimentos de análise das convenções à proposta que Jesús Martín-Barbero concretiza na formulação do eixo diacrônico do seu mapa das mediações, para tratar a preocupação que ele tem com a heterogeneidade de temporalidades. Para o Martín-Barbero, é fundamental compreender a relação histórica que marca a passagem das matrizes culturais aos formatos industriais. A relação entre matrizes e formatos diz da “multiplicidade de temporalidades, [na] multiplicidade de histórias, com seus próprios ritmos e com suas próprias lógicas” (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 43). O que é fundamental na análise cultural de Williams, e que é captado por Martín-Barbero na construção do seu mapa das mediações, é a crucial importância da consideração das diversas temporalidades sociais em qualquer análise da cultura.

A concepção de matrizes culturais parece se configurar em Martín-Barbero como matrizes de uma cultura que operava “antes” ou “fora” da cultura midiática, e isso na medida mesmo em que ele constitui o eixo diacrônico do mapa das mediações como uma relação entre Matrizes Culturais/Formatos Industriais que permitiria compreender o modo como matrizes populares se fazem presentes na configuração de produtos massivos. Nós exploraremos a hipótese de considerar matrizes culturais como matrizes já-midiáticas, constituídas no processo histórico de consolidação da cultura midiática (GOMES et al, 2016; GOMES et al, 2017). Isso justifica pensarmos em matrizes culturais midiáticas: a configuração de produtos comunicacionais (ou formatos industriais) levaria em conta matrizes forjadas na própria relação com a cultura midiática (com a televisão, com o cinema, com a cultura pop, com a literatura, com o jornalismo etc.).



FIGURA 1: Primeira página da primeira edição do jornal *Tempos Fantásticos*

A relação histórica que marca a passagem das matrizes culturais aos formatos industriais é fundamental para a compreensão da heterogeneidade de temporalidades convocada pelo *Tempos Fantásticos*. O jornal convoca já em seu nome pelo menos duas importantes matrizes. A primeira é uma matriz jornalística, fundada em uma concepção moderna do jornalismo entendido como mediador do tempo histórico. O próprio uso do signo “tempo”, no nome, faz referência a uma tradição jornalística que emerge por meio de uma imprensa anglo-saxã, a partir do início do século XIX. Trata-se de uma concepção que encontra uma síntese na noção de jornalismo de referência no mundo: jornais como o *The Times*, o *The New York Times*, a revista *TIME* e os jornais mineiros *O Tempo* e *Hoje em Dia*. O último, apesar de não trazer o signo no nome, aponta para o que está na base da relação

desse jornalismo com o tempo, a ideia de que jornais operam como mediadores de nossa experiência histórica, oferecendo à sua comunidade de leitores e leitoras um mapa temporal e ontologicamente determinado de narrativas de uma atualidade socialmente partilhada.

A segunda matriz é a do fantástico, categoria cultural que mobiliza um repertório ficcional de narrativas marcadas por elementos insólitos – figuras do sobrenatural, do oculto e do desconhecido. Em diversos momentos de apresentação do *Tempos Fantásticos*, ele é apresentado como um “jornal de *ficção especulativa*”, termo cunhado pelo escritor estadunidense Robert A. Heinlein nos anos de 1940 para dizer de histórias baseadas nas premissas do “suponhamos que...” ou “O que aconteceria se...” (HEINLEIN, 2011). Nos círculos literários, o termo passaria a servir como noção guarda-chuva para se referir a uma variedade de gêneros como a ficção científica, a fantasia, e as ficções utópicas e distópicas (THOMAS, 2013). Todos eles, de maneira geral, são movidos pelo fantástico como modulador da narrativa, ou seja, por suas operações temporais. Particularmente, o *cyberpunk* e o *steampunk*, subgêneros da ficção científica, caracterizam-se justamente pela construção de universos diegéticos historicamente anacrônicos, nos quais elementos do passado e do futuro apresentam-se fundidos. Para além de uma discussão de convenções do fantástico, o importante a ser percebido são suas implicações temporais, na medida em que o insólito surge para inserir na tessitura das intrigas uma alteridade na experiência do tempo e do cotidiano.

### 3 Imperativo ético e atualidade jornalística

Há um conjunto de valores que constituem o cânone jornalístico ou que ao menos pretendem se constituir como hegemônicos: eles estruturam discursos hegemônicos do jornalismo, constituem sua normatividade, são propagados nos manuais e pretendem mesmo conformar matrizes curriculares de ensino. Tais valores, atualidade, imparcialidade, isenção, objetividade, independência, interesse público são performados pelo *Tempos Fantásticos*, em uma relação tensa entre a reafirmação e a desconstrução – relação que é a base de produtos parodísticos de metajornalismo<sup>5</sup>. O *Tempos Fantásticos* se ancora no jornalismo canônico para disputar seus valores, num movimento complexo que é o de exibir as convenções com todos os seus excessos, de modo quase caricatural, portanto, para desconstruir os valores a que elas dão forma. É claro que, nessas tentativas,

---

<sup>5</sup> Temos realizado, no Centro de Pesquisa em Estudos Culturais e Transformações na Comunicação/TRACC (<http://tracc-ufba.com.br/>) alguns esforços de análise de disputas políticas e culturais no tratamento de valores e convenções do jornalismo, especialmente o brasileiro. Destacamos, especialmente: GUTMANN, 2014; GOMES et al, 2016; FERREIRA, 2014; VILAS BÔAS, 2012; MAIA, 2012; GUTMANN, FERREIRA & GOMES, 2008; GOMES, 2008.

observamos também certas dificuldades, e o que se pretende desconstrução e disputa aparece às vezes como mera reiteração. As convenções e as matrizes são ao mesmo tempo exibidas, acionadas e desconstruídas. E isso se faz nos discursos autorreferentes (nos vídeos, nos editoriais, nas matérias de divulgação) e na materialidade concreta do produto (textos, ilustrações, projeto visual e gráfico) propriamente.

No vídeo de *Lançamento* (TEMPOS..., 16 mai., 2016) , cujo texto oferecemos em epígrafe a este artigo, em tom irônico, um anúncio com linguagem retrô apresenta o *Tempos Fantásticos* em contraposição ao diagnóstico de que “a cobertura jornalística é insuficiente”, realizando um jogo com valores caros do jornalismo: a independência (“um jornalismo feroz”), a capacidade de apuração da notícia (“nossos jornalistas estão espalhados pelas quatro dimensões do multiverso”), a atualidade (um jornalismo “pontual”).

O *Tempos Fantásticos* partilha o diagnóstico de esgotamento do jornalismo na cultura contemporânea ao mesmo tempo em que promete trazer para o leitor um jornalismo como ele precisa. Sua proposta nasce, assim, de uma crítica anunciada ao jornalismo: “O jornalismo no século XXI, na atualidade, ele tá pronto pra morrer”, diz Angelo Dias no início do vídeo *Premissa* (TEMPOS..., 31 out., 2016), parecendo repercutir aquilo que observa Williams, de que a mudança nos valores e sentidos de uma cultura faz velhos meios de expressão parecerem “vazios e artificiais” (WILLIAMS, 2001, p. 33). Mas por que o jornalismo estaria pronto para morrer? Qual seria o problema do jornalismo, segundo o *Tempos Fantásticos*? Do jeito que o jornalismo é feito hoje “ele beira muito a ficção”... Esse diagnóstico, ao mesmo tempo em que serve de base para a apresentação do que será a estratégia do *Tempos Fantásticos* (a subversão do que o jornalista vive diariamente na produção da Folha de São Paulo), configura-se também como expectativa de que seja possível um outro jornalismo. Ficção e jornalismo são articulados de modo tenso: ficção surge como um problema no jornalismo (que beiraria muito a ficção, na acepção tomada, no vídeo *Premissa*, quase como sinônimo de manipulação da informação), mas seria também o lugar de realização de um esforço alternativo, pois ao invés da manipulação da informação, o *Tempos Fantásticos* nos oferece, despidoradamente, “notícias de coisas que não existem” <sup>6</sup>. No mesmo vídeo, Angelo Dias assume que, ao contrário do que ele aprendia na faculdade, imparcialidade e ética não são possíveis, e a única saída é levar isso à potência máxima, oferecendo ao leitor um compromisso com a mentira, com a ficção, com a invenção.

---

<sup>6</sup> Textos do vídeo *Premissa*, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=C-INPxOb9wA> . Acesso em 06 de março de 2018.

A intenção de realizar um “jornalismo fictício” disputa, de uma só vez, o imperativo ético do jornalismo e um de seus valores centrais, a atualidade. O imperativo ético prescreveria “a notícia como o discurso verdadeiro sobre fatos da realidade” (GUERRA, 2008, p. 34), constituindo um vínculo importante entre a credibilidade do jornalismo e a confiança que o público nele depositaria – a informação, justamente, não “pode se converter em ficção” (GUERRA, 2008, p. 33) nem o público pode duvidar “sistematicamente da realidade dos fatos noticiados” (GUERRA, 2008, p. 33). A realidade que está na base do *Tempos Fantásticos*, entretanto, constitui-se como transgressão: “os textos do *Tempos Fantásticos* têm que ter uma base na realidade, não são histórias que não têm nada a ver com o que estamos vivendo” (Vídeo *Premissa*), mas opera ao modo do fantástico, da ficção científica, como uma realidade paralela. O jornal nos oferece “textos fantásticos e surreais de todo o espaço-tempo”<sup>7</sup>.

A atualidade, essa temporalidade do tempo presente definidora e legitimadora do jornalismo enquanto instituição social, por sua vez, demarcaria o próprio sentido de realidade e construiria relações de referência para a vida cotidiana. No jornalismo, os marcadores simbólicos sobre o tempo presente são também modos de organizar a vida cotidiana: instantaneidade, simultaneidade, periodicidade, novidade e revelação pública dizem de “relações temporais que o jornalismo desencadeia, ligadas a ações, situações e modos de tratamento de eventos no tempo presente” (FRANCISCATO, 2005, p. 23). No *Tempos Fantásticos*, temos movimentos de abertura para temporalidades múltiplas.

O editorial do primeiro número 1 disputa os vínculos entre o imperativo ético e o valor da atualidade jornalística explicitamente:

O jornal *Tempos Fantásticos* não foi criado para trazer a informação urgente e emergente. Vamos além da vontade do leitor e trazemos informações de mundos paralelos, nos infinitos multiversos e realidades avessas. O *Tempos Fantásticos* traz textos do futuro, passado e presente alternativos, de mundos que não conhecemos e de nosso mundo desconhecido. Correspondentes enviam notícias de cem anos no futuro, mil anos no passado ou em alguns minutos 'para o lado', ou seja, em outra Terra como a nossa (Editorial, #1, pg. 1).

## 4 Tempos anacrônicos

Enquanto gesto interpretativo das relações temporais estruturantes das mediações jornalísticas, o vínculo do jornalismo com a atualidade acaba sendo

---

<sup>7</sup> No texto de apresentação do jornal, em seu site: <http://www.temposfantasticos.com/>

pacificado tanto nos discursos de legitimação da institucionalidade das notícias como narrativas do tempo presente, quanto pelas críticas à insuficiência ou inferioridade da qualidade histórica dessas narrativas. Estudos mais atentos a essas relações temporais percebem que há uma complexa trama de temporalidades que orientam as narrativas jornalísticas. Ao analisar os discursos dos jornais diários, Elton Antunes (2007) afirma que a mídia informativa “curto-circuita os tempos”:

[...] ao mesmo tempo em que ela é padronizadora do tempo atual – ritmo e ordena cronologicamente o cotidiano –, ela põe também em circulação representações de relações temporais diversas, fazendo emergir outros tempos de outros estratos. São, no mesmo movimento, camadas superpostas e atravessadas. Para tornar os tempos contemporâneos à experiência, a mídia dá visibilidade a tempos não contemporâneos. Daí que a mídia não apenas transporte o tempo; ela engendra relações temporais. (ANTUNES, 2007, p. 289)

Reconhecer essa complexidade temporal no jornalismo é fundamental, inclusive, para que entendamos o que está em jogo quando nos deparamos com um jornal como o *Tempos Fantásticos*, cujas estruturas temporais e históricas acionam as convenções jornalísticas para justamente subverter seus valores, exibindo temporalidades múltiplas. No editorial da primeira edição, faz-se saber que aquele é, afinal, “Um jornal sobre o futuro, presente e passados alternativos” (EDITORIAL, 2016a, p.1). Ao longo de suas edições, jogos com as temporalidades são vastamente explorados, particularmente com as categorias históricas de passado, presente e futuro.

Podemos perceber esses jogos nas ancoragens espaço-temporais das matérias. Abaixo das manchetes, lemos “Do futuro”, “Do passado”, “Do nosso presente” etc. As marcações expressam não apenas a diversidade de tempos, mas a própria ênfase no tempo, em detrimento do espaço (como comumente encontramos em jornais, e suas notícias “De São Paulo” ou “De Brasília”, por exemplo), para a contextualização dos acontecimentos narrados e dos sítios dos repórteres ficcionais. Essas ancoragens são também estrategicamente vagas, dizendo respeito a grandes extratos históricos, diferentemente das marcações geográficas, que costumam ser mais específicas e localizadas.

E se a diversidade temporal se espalha nesse diagrama historicamente estratificado, o *Tempos Fantásticos* amplia ainda mais suas possibilidades com a criação de tempos alternativos e paralelos. Em notícias como “Grande Colisor de Hádrons destrói Sistema Solar - *De um presente alternativo*” (GRANDE..., 2016, p.1), o jornal se abre à narração fabular e especulativa da atualidade. O mesmo acontece com notícias como “Jack, o estripador, é encontrado vivo em beco de Londres – *De um passado paralelo*”, em que o jornal recria o passado. Este, por sua

vez, é confrontado ainda por outra notícia, na mesma página: “Jack, o estripador, é encontrado morto em beco de Londres – *De um outro passado paralelo*”. A própria disposição das duas notícias em lados opostos na página fortalece a relação de paralelismo, expressa ainda na ilustração no meio das duas (FIG. 2).

**Jack, o estripador, é encontrado vivo em beco de Londres**

**DE UM PASSADO PARALELO**

Preso o criminoso conhecido como Jack, o estripador. John Langham Ferris, 27, foi encontrado esfaqueando a barriga de uma prostituta em um beco de Whitechapel, Londres. O homem tentou fugir porém foi capturado após um tiro da polícia atingir seu ombro. Junto com Ferris foi encontrada uma faca serrilhada e o equivalente a £60, provavelmente roubados da vítima.

A investigação levou os policiais ao flagrante após depoimentos de prostitutas e frequentadores dos locais onde outras vítimas foram encontradas. Em um trabalho conjunto de investigadores particulares e policiais da Scotland Yard, uma série de evidências foi coletada e classificada. A parceria com médicos legistas também ajudou a descobrir o possível local do próximo crime.

O modo de operação de Ferris era simples e metódico. Ele frequentava as casas de prostituição por dias até ganhar notoriedade entre as trabalhadoras. Após ser reconhecido pelo nome, trocava de casa por alguns dias, no mesmo processo. Ao voltar para a primeira, reconhecia as prostitutas que ficavam mais felizes em vê-lo e marcava encontros com elas em locais não movimentados.

A procura do cliente fiel, a prostituta seguia suas demandas e aparecia no local combinado. Ferris então cortava a garganta da mulher e esfaqueava a área abdominal, roubando dinheiro e um pedaço da roupa da vítima.

“É um marco para a Scotland Yard e para a Inglaterra”, disse o chefe da polícia metropolitana de Londres, em discurso para jornalistas. Ferris será julgado ainda essa semana.

**Tricentenário foi pioneiro na invenção e construção urbana**

**OBITUÁRIO – DO FUTURO**

Mesmo após trezentos anos de progresso, todos se lembram de Vladimir Kutz, o Vlad, como apenas mais um vampiro. Esquecem-se da sua participação – ainda em vida – da construção da malha ferroviária do oeste americano. A transformação em vampiro, aos 66 anos, não trouxe tristeza para o homem, viviu desde os 50. Ele costumava dizer que mais tempo de vida era tudo o que precisava para por em prática projetos maravilhosos.

Vlad escondeu sua condição vampírica por anos, dizendo que havia contraído uma doença dos trabalhadores chineses das minas de carvão, um tipo de fobia à luz que o fazia ficar em casa durante o dia e só sair à noite. Seus trabalhadores estavam acostumados a varar madrugadas sob a

tutela do empresário, que nunca passava um dia sem supervisionar cada nova milha construída.

A chegada da modernidade no oeste americano afastou o tycoon de sua terra natal. Viajou por quase toda a América do Norte, atividade perigosa, já que precisava dormir em porões de estalagens para não ser ferido com raios de sol. Sua velhice era desculpa para vedar as janelas e seu dinheiro pagava pelas cortinas negras.

Vlad adaptou uma carregagem de carga com as próprias mãos, de modo que ela pudesse servir como condução e quarto a qualquer momento. Com a tecnologia, sua criação foi melhorando cada vez mais, até se tornar o que nós conhecemos como os trailers ou motorhomes.

Sua inclinação para o progresso não parou no veículo. Vlad foi pivô de várias construções

para melhorar a qualidade de vida dos acometidos pelo vampirismo, condição que ele aprendeu a tratar como doença. Clichê casas, carros, navios e aviões totalmente protegidos dos raios solares. Fez tudo em parceria com grandes empresas que, hoje, após sua morte, finalmente admitem sua colaboração por tantos anos.

Foi Vlad um dos responsáveis pela aprovação da primeira cidade de subaquática. Ele imaginou e projetou a construção que levaria moradia, comércio e entretenimento para o fundo do oceano, tudo isso bem longe dos raios solares. Contratou pesquisadores e construiu, nos arredores de Nova Iorque, a primeira cidade subaquática do mundo.

Foi nessa cidade – chamada Marítima – que Vlad decidiu ter seus últimos momentos. Morreu após sua parceira, Mirian Kutz, vampira recém transformada, desferir um golpe de estaca no peito. Deixou testamento em vídeo declarando o desejo pelo suicídio assistido.

**Jack, o estripador, é encontrado morto em beco de Londres**

**DE OUTRO PASSADO PARALELO**

Encontrado o criminoso conhecido como Jack, o estripador. John Langham Ferris, 27, foi encontrado morto após ser esfaqueado por uma sobrevivente do criminoso. Enquanto tentava matar mais uma prostituta, Ferris foi subjugado por ela e morto com seis facadas no peito. A prostituta Poliana Myrtle foi quem chamou a polícia e os levou para o corpo.

A faca serrilhada utilizada por Ferris ainda estava cravada em seu peito quando a polícia chegou. A mulher foi aconselhada por médicos já que não conseguia parar de chorar. Pelo que concluiu a perícia, uma fantástica colaboração entre policiais, investigadores particulares e médicos legistas, Ferris estava no meio de uma relação sexual quando foi morto. Para a surpresa do público, Poliana confessou ser cúmplice do assassinato.

O modo de operação de Ferris era simples e metódico. Sua amante, Poliana, apontava suas principais concorrentes das casas de prostituição vizinhas. Ele as cortejava, virava cliente comum e, após sumir por alguns dias, voltava pedindo encontros em lugares inusitados. Lá, matava as mulheres e esfaqueava suas barrigas, a pedido da própria Poliana.

“Poliana confessou que ela mesmo pedia para que Ferris fizesse a parte inferior da barriga das mulheres, um modo de passar uma mensagem que seus úteros estavam em ‘perigo’”, disse o chefe da polícia metropolitana de Londres.

Mesmo após testemunhas e sobreviventes terem reconhecido Ferris como o assassino, a polícia ainda tem dúvidas se Poliana participava ou não dos assassinatos.

**Ilustração** William Mur (murcontato@gmail.com)

FIGURA 2: Fragmento da segunda página da primeira edição de *Tempos Fantásticos*

De diversas maneiras, assim, o *Tempos Fantásticos* constrói tempos que, por definição, não podem se fechar em si mesmos.

É interessante notar que, ainda que o jornal transite por extratos temporais distintos, há a recorrência da marcação “Do *nosso* presente” – que é, inclusive, sempre o vínculo temporal da coluna do editorial. Tal ancoragem faz referência a uma experiência histórica baseada não só na atualidade de seus relatos (em 2016, 2017 ou 2018, tempo “sede” do jornal), mas também na de uma atualidade compartilhada por seus leitores culturalmente situados – o “nosso” é o signo dessa partilha. Assim, mesmo o futuro, o passado e os presentes alternativos têm o “nosso presente” como eixo de referência e chave de leitura.

A exploração deliberada das possibilidades de abertura temporal é frequentemente tematizada nos discursos autorreferentes do jornal. No editorial

“Tempos diferentes podem trazer as mesmas necessidades”, ela ganha entonação ética e política:

Queremos falar e sermos compreendidos, fazer e sermos reconhecidos. Queremos ser aceitos e inclusos na sociedade, independente de raça, cor, sexo, condição sexual ou habilidade. Os tempos diferentes trazem pessoas diferentes, com pensamentos distintos e filosofias complexas. A aceitação da diversidade como evolução deve ser difundida aos quatro cantos do multiverso. (EDITORIAL, 2016b, p. 1)

No vídeo de lançamento do *Tempos Fantásticos*<sup>8</sup>, a linguagem audiovisual configura relações temporais também muito significativas no que se refere à estruturação das temporalidades do próprio jornal. Em primeiro lugar, é patente a referência à estética dos cinejornais do início século XX, no uso de imagens de arquivo em preto e branco, na dicção do locutor, no tratamento retrô do som da sua locução. As próprias imagens utilizadas fazem referência a um mundo da primeira metade do século: além de imagens de Guerra e de tecnologias da época, vemos jornalistas reunidos em torno de antigas rotativas com um jornal de 1938 em mãos.

As referências retrô são recorrentes no estilo e nos temas do jornal, não apenas nas incursões ao passado, mas na própria maneira de lançar mão de matrizes clássicas do fantástico, sobretudo da literatura e do cinema de ficção científica. Não por acaso, ao anunciar que o jornal traz reportagens do futuro espacial, é um plano de “Viagem a Lua”, de Méliès, de que o vídeo se utiliza. Além disso, o jornal vai ao encontro das próprias poéticas do steampunk e da ficção especulativa na maneira de convocar e reconfigurar o passado histórico.

Em segundo lugar, é em meio ao recurso ao passado que o jornal constrói suas anacronias como estratégias de tensionamento da coerência temporal. O convite ao espectador para comprar o jornal vem nos termos de “Com apenas um clique...”, inserindo um elemento fortemente extemporâneo ao discurso do anúncio. A fala é acompanhada pela imagem de uma mão que segura um mouse, cujo tratamento em preto e branco acaba criando uma costura artificial com o restante do filme.

Há ainda uma anacronia que se funda, no vídeo, não pelo uso de elementos anacrônicos dentro da estrutura temporal do filme, mas pela anacronia da peça em relação ao tempo ao qual ele se destina. O descompasso é evidente quando o locutor afirma que o jornal traz notícias “até mesmo de hoje”, ainda que a fala seja acompanhada de imagens do passado (uma cena antiga de carros circulando por uma rua). A primeira página do *Tempos Fantásticos*, novo jornal lançado a leitores

---

<sup>8</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=VLWrmqSok8A>

e leitoras no Brasil de 2016 (seu tempo “sede”) emerge, no vídeo, das imagens de uma rotativa de outros tempos, seguidas por uma cena de um senhor abrindo seu jornal sentado em uma cadeira de balanço.

O *Tempos Fantásticos* traz o slogan “O jornal atemporal” em seu cabeçalho e em seu material de divulgação. Aqui de novo a marca da relação entre o jornalismo e o tempo na mediação da experiência histórica é colocada em jogo, reiterada e contestada. Essa contestação, pelo que sugere o slogan, se dá na maneira como o jornal ultrapassa um senso de atualidade definido pelo tempo presente, ou pelo menos por um tempo presente coerente e estável, homogeneamente apreendido em uma trama histórica linear. Pelo que se pode perceber com os movimentos do conteúdo do jornal, essa “atemporalidade” implica uma ideia de que o *Tempos Fantásticos* não se fixa no (nosso) tempo, transcende suas fronteiras.

No entanto, é interessante perceber que o jornal opera, efetivamente, não por uma atemporalidade, ou seja, por uma negação do tempo, mas pela diversidade com que marca seus movimentos de abertura para tempos distintos. Passado(s), presente(s) e futuro(s) são mobilizados e conjugados pelo jornal de tal maneira que suas identidades temporais são preservadas e igualmente consideradas, fazendo com que diversos planos históricos convivam horizontalmente na mesma publicação, sem que, a princípio, um seja prioridade em relação ao outro. Trata-se de uma curiosa forma de anacronia, na medida em que a unidade editorial compreendida pelo exemplar do jornal não é caracterizada por narrativas de um mundo contemporâneo – a atualidade –, mas pela extemporaneidade como proposta de percepção aberta do tempo levada a cabo pelo diagrama do jornal.

O slogan “O jornal atemporal” ganha mais significância quando notamos que o *Tempos Fantásticos* não traz a data da edição no seu cabeçalho (ou em qualquer outro lugar), marcando a sua negação a âncoras cronológicas fixas, o que também significa negar a referência a uma realidade (cronologicamente identificada) determinada.

Para além dos modos de organização das narrativas, a exploração das possibilidades temporais é frequentemente formulada enquanto tema no *Tempos Fantásticos*. E isso pode ser percebido em diversas partes no jornal, inclusive nos seus anúncios (a maioria deles fictícios). Exemplo marcante é uma propaganda que se destaca no centro da primeira página da primeira edição, a de um produto chamado “tempovisão” (FIG. 1). A ilustração traz uma TV com uma ampulheta exibida em sua tela. O modelo antigo do aparelho de TV, associado ao slogan “Do futuro para você”, cria ainda uma maior complexidade para a trama simbólica de temporalidades embaralhadas no anúncio. Trata-se, novamente, da possibilidade

de visualização de tempos múltiplos aos leitores do jornal, também eventuais espectadores de tal “maravilha tecnológica”. E de maneira ainda mais fundamental, trata-se de chamar atenção para a centralidade do tempo na configuração da mediação constituída pelo *Tempos Fantásticos* – algo que, como buscamos argumentar, se refere à própria relação com a matriz moderna do jornalismo compreendido como mediador da experiência do tempo e da história.

A partir de movimentos como esses, colocando o *Tempos Fantásticos* em perspectiva com as convenções temporais da matriz jornalística que ele aciona, podemos observar uma evidente tensão entre a atualidade e a intempestividade. O intempestivo, aqui, recuperando sentidos do termo empregado no pensamento nietzschiano (NIETZSCHE, 2003), marca o aspecto temporalmente inesperado e impertinente de certas ideias e posturas na ordem do tempo. É assim que as tramas temporais do *Tempos Fantásticos* se distinguem dos jornais de referência, na medida em que promovem um “curto-circuito” mais radical, fazendo da multiplicidade potência, em vez de ameaça. Essa potência é convocada em suas poéticas, aproximando-se do fantástico não apenas pelos temas insólitos e sobrenaturais, mas pela transgressão das lógicas temporais que regem sua(s) realidade(s).

## 5 Cotidianos fantásticos

É importante entender em que medida as anacronias evidenciadas nas operações do *Tempos Fantásticos* estão conectadas aos modos como a mediação jornalística é concebida na modernidade, em sua estreita relação com as experiências do cotidiano. Para isso, o fantástico pode ser tomado como uma categoria potencialmente transgressora de certos limites hermenêuticos, particularmente sobre os limites de convenções temporais e históricas, ao confrontá-los com a possibilidade e a multiplicidade de tempos *outros*. Como argumentamos em seguida, se há um curto-circuito temporal radical em ação pelas páginas do *Tempos Fantásticos*, sua fagulha parte do cotidiano e a ele retorna.

Ao convocar uma matriz moderna de jornalismo, o *Tempos Fantásticos* se apropria de discursos que concebem os jornais como uma importante – ou mesmo necessária – mediação da experiência histórica (MANNA, 2016). Isso implica dizer que, na modernidade, os jornais passam a ser compreendidos e legitimados enquanto mediadores de uma realidade socialmente partilhada e temporalmente determinada. Há aqui não só uma consciência social em torno de uma suposta função dos jornais de relatar os acontecimentos do mundo, mas uma consciência

propriamente histórica da atualidade, na medida em que os modernos promovem uma “temporalização da história” (KOSELLECK, 2006).

É nessas condições que o *Tempos Fantásticos* realiza seus movimentos reflexivos. Não é fortuito, nesse sentido, que sua declarada pretensão de satirizar a realidade, como afirma Angelo Dias – “O *Tempos Fantásticos* é uma sátira à realidade” (TEMPOS..., 31 out. 2016) –, se dê por dentro dos modos de operação da mediação jornalística. Há um conjunto de camadas de tensionamento que o jornal configura, partindo das convenções e valores do jornalismo, para alcançar o mundo culturalmente constituído e jornalisticamente articulado. Essas camadas ganham relevo na fala seguinte de Angelo Dias, no mesmo vídeo, em que se expressa um processo crítico da realidade que não se dá sem as condições de sua percepção via mediação jornalística: “O *Tempos Fantásticos* é uma sátira [1ª] ao jornalismo, [2ª] ao modo como nós lemos notícias, [3ª] ao modo que nós contamos fatos uns pros outros, e [4ª] como isso tudo reflete nossa vida real. ” (TEMPOS..., 31 out. 2016, grifos nossos).

Para que essa sátira adquira sentidos, ela parte do reconhecimento da importância do jornalismo enquanto instituição social do tempo e da história. Como afirma Antunes, a notícia “é um dos sinais temporais utilizados pela sociedade para sua orientação” (ANTUNES, 2007, p. 287), e o jornalismo diário é uma das instituições sociais “que atua como quadro de referência para constituir aquilo que se entende por tempo” (p. 287). Reconhecendo a atualidade como operador distintivo do discurso temporal do jornalismo, Antunes convoca André Vitalis, que analisa a importância do jornalismo para a constituição de uma noção moderna de atualidade:

A atualidade dá doravante forma à nossa experiência do tempo. O fato de viver permanentemente à escuta das notícias do mundo altera a nossa relação com os outros, mas também a nossa própria percepção da trama temporal. É a imprensa diária que, desde meados do século XIX, introduziu uma nova maneira de fazer relação com os seus contemporâneos e que tem instalado uma temporalidade até então desconhecida. (VITALIS et alii, 2005, p.12, apud ANTUNES, 2007, p. 10)

Assim, podemos melhor entender a natureza do tensionamento em jogo com a mobilização do fantástico para dentro de um jornal. É importante ter em mente que, em seu livro *Introdução à literatura fantástica* (2004), Tzvetan Todorov enfatiza a distensão que o fantástico instaura na percepção da realidade. O fantástico não se resume à aparição do insólito, mas se configura na tensão que se estabelece quando algo insólito irrompe na normalidade. Relacionado a estados “mórbidos” da consciência, o fantástico manifestaria uma laceração no mundo da regularidade a partir da aparição daquilo que não pode aparecer/acontecer, mas

aparece/acontece. O fantástico, afirma Todorov, possui estreita relação com as pessoas em sua cotidianidade, desafiando os parâmetros de normalidade ao colocar em confronto noções sobre o natural (o regular, o coerente, o possível) e o sobrenatural (o insólito, o inexplicável, o absurdo).

No *Tempos Fantásticos*, o fantástico emerge trazendo consigo um repertório ficcional, convocado desde seus vídeos promocionais. As falas sobre as premissas do projeto de um jornal excêntrico – baseado na ficção, na invenção, no “compromisso com a mentira” – são intercaladas por cenas de trechos de filmes clássicos de ficção científica – *Aelita, a Rainha de Marte* (Yakov Protazanov, 1924), *A Primeira Espaçonave em Vênus* (Kurt Maetzig, 1960) e *O Planeta Pré-Histórico* (Pavel Klushantsev, 1965). Assim, é possível anteciper que as inserções de alienígenas, vampiros ou planos inteiros de realidade imaginada do jornal servirão não apenas para criar um conjunto de notícias absurdas, mas para redimensionar a narrativa jornalística como mediação da experiência histórica na partilha do cotidiano.

É interessante notar que, se as narrativas jornalísticas são tão fortemente fundadas pelo olhar sobre o cotidiano, o *Tempos Fantásticos* desenvolve seu material na interseção em que jornalismo e fantástico podem se encontrar, na medida em que o próprio fantástico é fundado na relação (transgressora) com o cotidiano. Essa relação é marcada nos termos de Roger Caillois, ao dizer que todo o fantástico é uma ruptura da ordem reconhecida, uma irrupção do inadmissível no seio da inalterável legalidade cotidiana (CAILLOIS, 1965, pág. 161). É também pela relação com o cotidiano que Italo Calvino (2004) organiza sua conhecida antologia de contos fantásticos do século XIX: por um lado, ele encontra textos que ele chama de um “fantástico visionário”, que apostam na percepção “por trás da aparência cotidiana um outro mundo, encantado ou infernal” (CALVINO, 2004, p. 13). Por outro lado, nos contos que ele caracteriza como de um “fantástico cotidiano”, ele identifica narrativas “em que o sobrenatural permanece invisível, é mais ‘sentido’ do que ‘visto’, participando de uma dimensão interior, como estado de ânimo ou como conjectura” (p. 13). De qualquer maneira, podemos perceber que, seja em uma ou em outra forma de se expressar, o fantástico tem como ponto de partida, como âncora temporal (sempre na relação também com o espaço) o cotidiano.

Nesse sentido, o fantástico emerge justamente quando o tempo da vida cotidiana se abre para outros tempos. Como propõe Dorothea Von Mücke (2003), o insólito se instaura nas narrativas fantásticas como um *outro histórico*. Com isso, a autora caracteriza suas intrigas não por meio da tematização de certas anacronias que se instauram – lapsos, fragmentações, sobreposições, inversões temporais, ou

encontros entre personagens e elementos de tempos distintos –, mas sobretudo pela instituição de uma experiência anacrônica do mundo narrativo vivida por um leitor que busca coerência e totalidade.

Colocando em perspectiva o jornalismo e o insólito, Leal, Manna e Jácome (2013) sublinham que os jornais operam, na cultura, enquanto agentes reguladores da nossa relação com a realidade cotidiana e outros mundos pelos quais transitamos. Por meio de narrativas jornalísticas, constituímos os nossos modos de reconhecimento, conformamos padrões de sentido para o que acontece e ancoramos aquilo que tomamos e compartilhamos como parte de nossa vida. No entanto, os autores também chamam atenção para relações mais complexas do que a mera conformação e pacificação da realidade mediada. Há uma frequente “tensão entre o novo e a repetição, o controle e o incontrolável, e as perspectivas que veem a realidade como ‘múltipla’ ou habitada por ‘mundos possíveis’” (LEAL, MANNA & JÁCOME, 2013, p. 146), expressando uma instabilidade nos próprios rituais de estabilização de suas rotinas.

Nesse sentido, poderíamos, por um lado, interpretar as operações jornalísticas modernas por uma tendência à manutenção da “legalidade cotidiana”: a manutenção dessa legalidade é uma preocupação claramente observável diariamente nos jornais, evidente em seu interesse por desvios normativos e pela ameaça do incontrolável. “A realidade projetada pelo jornalismo, por esse viés, aspiraria sempre um mundo transparente e desvendado – e, portanto, simbolicamente controlado. ” (MANNA, 2016, p. 25). Por outro lado, o fantástico pode surgir como categoria heurística para a interpretação das tensões inerentes ao jornalismo:

O fantástico e o jornalístico, enquanto categorias gerais, nos parecem interessantes, nesse sentido, porque podem facilmente ocupar em nosso imaginário os postos de uma polaridade que separaria a consonância da intriga da dissonância temporal. Mas essa polaridade é mais interessante para nós na medida em que ela mesma se revela como uma armadilha, e nos desafia a percebê-los de maneira dinâmica. Isso significa compreender as diferentes maneiras como as narrativas se constituem concretamente pelos dilemas do tempo e da história, nunca contra ou apesar deles. (MANNA, 2016, p. 126)

## 6 Conclusões

Vimos como o *Tempos Fantásticos* aciona matrizes do fantástico para disputar matrizes e convenções do jornalismo, seus valores, suas institucionalidades, suas formas culturais, suas práticas hegemônicas. *Tempos Fantásticos* é baseado em uma série de valores do jornalismo moderno, que são performados em convenções socialmente reconhecidas. Essas convenções são

tensionadas em relações predominantemente parodísticas, na medida em que linguagem e formas culturais jornalísticas são mobilizadas de maneira autoconsciente e reflexiva para a construção do universo fantástico do jornal.

Nas reflexões em torno da relação entre tempo – e, particularmente, o tempo histórico – e jornalismo, é recorrente uma ideia de que o jornalismo se dedica a narrar o tempo presente. Longe de estar ligada às configurações recentes do jornalismo e às lógicas da instantaneidade, ou ao diagnóstico de um suposto regime de historicidade marcado pelo presentismo (HARTOG, 2013), tal ideia é de matriz propriamente moderna. Como aponta Koselleck (2006), é com uma efetiva temporalização da experiência social e o crescente interesse dos modernos pela sua própria historicidade que particularmente o passado e o futuro se elevam enquanto universos de reflexão historiográfica. Nesse contexto, afirma Koselleck, uma percepção histórica do presente, do cotidiano e da atualidade foi levada adiante e cultivada, em grande parte, por jornalistas.

Num cenário de Modernidade, o jornalismo constrói modos de presença e ausência como crise, como cisão tempo/espço, como desencaixe (GIDDENS, 1991). O presente, no jornalismo, aparece como uma dimensão temporal própria, relativamente autônoma em relação à memória do passado e aos projetos de futuro. A ênfase no presente e na vida vivida no cotidiano seriam, assim elementos fundamentais da experiência social mediada pelo jornalismo. Mas, enquanto viver o dia a dia, aproveitar o tempo que passa, é o modo possível de vida em comum – vivemos o tempo em duração – o jornalismo moderno pretende instituir o primado do presente na experiência de vida social, ao mesmo tempo tomando o presente como medida de todas as coisas e tornando a vida uma vida sem rastro e sem futuro.

*Tempos Fantásticos* reconhece esse cenário de crise – da Modernidade e do Jornalismo –, reconhece múltiplas tessituras temporais do presente, nos indicando outras temporalidades possíveis, e nos lembrando a importância do fantástico para a configuração das nossas vidas. A experiência radical de alteridades temporais e realidades fantásticas promovida pelo *Tempos Fantásticos* tornou evidentes anacronias constitutivas das mediações jornalísticas na sua relação com o cotidiano. A convocação manifesta do fantástico aqui nos permite evidenciar essas anacronias, compreendidas como potência, e não como impertinentes aspectos de um jornalismo visto por óticas estabilizadoras e deontológicas. O *Tempos Fantásticos* se mostrou então, analiticamente, como um lugar produtivo para observarmos a articulação entre processos de mudança cultural e mudança social, tão cara a Raymond Williams, as tramas temporais que configuram as disputas pelo jornalismo moderno e a produtividade da adoção do fantástico como estratégia

interpretativa. Nas experimentações realizadas pelo jornal, nos exercícios com formas culturais e convenções do jornalismo e do fantástico, uma complexa trama de temporalidades se realiza e uma disputa política e cultural se efetiva. *Tempos Fantásticos* se configura, assim, como um desses objetos dinâmicos e concretos em que continuidades e rupturas se evidenciam, numa constante hesitação/tensão entre determinações e conflitos, entre resoluções e irresoluções, entre tradição e mudança, memória e recusa.

## Referências

ANTUNES, Elton. **Videntes imprevidentes**: temporalidade e modos de construção do sentido de atualidade em jornais impressos diários. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas. UFBA. Salvador, 2007.

CAILLOIS, Roger. **Au coeur du fantastique**. Paris: Gallimard, 1965.

CALVINO, Italo (org.). **Contos fantásticos do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

EDITORIAL. **Tempos Fantásticos**. v. 1, 2016a.

EDITORIAL. **Tempos Fantásticos**. v. 2, 2016b.

FERREIRA, Thiago Emanuel. **Cultura política brasileira no telejornalismo do horário nobre**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, 2014.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente**. Como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais, São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2005.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade**, São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

GOMES, Itania Maria Mota; GUTMANN, Juliana Freire; MAIA, Jussara Peixoto; VILAS BÔAS, Valéria; FERREIRA, Thiago Emanuel. Porque o jornalismo faz rir: matrizes midiáticas do programa Sensacionalista, do Multishow. In: LISBOA FILHO, Flavi Ferreira; BAPTISTA, Maria Manuel (org.). **Estudos culturais e interfaces**: objetos, metodologias e desenhos de investigação. Aveiro: Universidade de Aveiro, Programa Doutoral em Estudos Culturais. Santa Maria: UFSM, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2016, pp. 219-236. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/estudosculturais/arquivos/livros-completos/ESTUDOS%20CULTURAIIS%20E%20INTERFACES%202016.pdf>. Acesso em 07 de fevereiro de 2017.

GOMES, Itania Maria Mota. O embaralhamento de fronteiras entre informação e entretenimento e a consideração do jornalismo como processo cultural e histórico. In: Elizabeth Bastos Duarte; Maria Lília Dias Castro. (Org.). **Em torno das mídias**. Práticas e ambiências. 1ed. Porto Alegre: Sulina, 2008, v. 1, p. 95-112.

GOMES, Itania Maria Mota. Raymond Williams e a hipótese cultural da estrutura de sentimento in JANOTTI Jr., Jeder & GOMES, Itania Maria Mota (Orgs.). **Comunicação e Estudos Culturais**, Salvador: Edufba, 2011a, pg. 29-48.

GOMES, Itania Maria Mota; SANTOS, Thiago Emanuel Ferreira dos; ARAÚJO, Carolina Santos Garcia de & MOTA JÚNIOR, Edinaldo Araújo. Temporalidades Múltiplas: análise cultural dos vídeos e da performance de Figueroas a partir dos mapas das mediações e das mutações culturais, **Revista Contracampo**, v. 36, n. 3, 2017.

GRANDE Colisor de Hádrons destrói Sistema Solar - De um presente alternativo. **Tempos Fantásticos**. v. 4, 2016

GUERRA, Josenildo Luiz. **O percurso interpretativo na produção da notícia**, São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2008.

GUTMANN, Juliana Freire. **Formas do telejornal**. Linguagem televisiva, jornalismo e mediações culturais, Salvador, EDUFBA, 2014.

GUTMANN, Juliana Freire; FERREIRA, Thiago Emanuel & GOMES, Itania Maria Mota. Eles estão à solta, mas nós estamos correndo atrás. Jornalismo e entretenimento no Custe o que Custar. **Revista E-Compós** (Brasília), v. 11, p. 1-15, 2008.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HEINLEIN, Robert A. **The nonfiction of Robert Heinlein**: volume I. Richmond: The Virginia Edition, 2011.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006.

LEAL, Bruno; MANNA, Nuno; JACOME, Phellipy. Jornalismo, realidades múltiplas e o insólito: Um conto chinês e suas variações. In: HOFF, Tânia; SANTOS, Goiamérico Felício Carneiro. (Org.). **Poéticas da mídia**: midiatizações, discursividades, imagens. 1ed.Goiânia: CEGRAF, 2013, v., pp. 139-150.

MAIA, Jussara Peixoto. **Além da notícia. Jornalismo em programas de entretenimento**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, 2012.

MANNA, Nuno. **Jornalismo e o espírito intempestivo**: fantasmas na mediação jornalística da história, na história. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2016.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social in SOUSA, Mauro Wilton de (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**, São Paulo: Brasiliense, 1995, pg. 39-68.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Jesús Martín-Barbero: As formas mestiças da mídia. Entrevista à revista Fapesp. **Revista Fapesp**, edição 163. Setembro de 2009. Disponível em <http://revistapesquisa.fapesp.br/2009/09/01/as-formas-mesticas-da-midia/>. Acesso em 13 de setembro de 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva**: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

TEMPOS Fantásticos – Lançamento. Publicado por Angelo Dias. 16 de maio, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VLWrmqSok8A> Acesso em 06 de março de 2018.

TEMPOS Fantásticos – Premissa. 31 de outubro, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C-INPxOb9wA> Acesso em 06 de março de 2018.

THOMAS, P. L. **Science fiction and speculative fiction: challenging genres**. Roterdão: Sense Publishers, 2013.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

VILAS BÔAS, Valéria. **Outras notícias virão logo mais: a construção da serialidade nos telejornais diários da Rede Globo**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, 2012.

VON MÜCKE, Dorothea E. **The seduction of the occult and the rise of the fantastic tale**. Stanford: Stanford University Press, 2003.

VOS, Tim P. A mirror of the times. **Journalism Studies**, London, v. 12, n. 5, 2011, pp. 575-589.

WILLIAMS, Raymond. Culture is Ordinary. In: WILLIAMS, Raymond. **Resources of Hope: Culture, Democracy, Socialism**. London: Verso, 1989. p. 3 -18.

WILLIAMS, Raymond. Film and the Dramatic Tradition. In: HIGGINS, John (Ed.). **The Raymond Williams Reader**. Oxford: Blackwell Publishers, 2001. p. 25-41.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Trad. de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.